



Quilombo Sustentável

TRANSFORMANDO PAISAGENS
NO SERTÃO DO PAJEÚ



Ficha Técnica

Realização:

CECOR - Centro de Educação Comunitária Rural
Rua Manoel Pereira da Silva, 1349, N. Sra. da Penha - 56.903-490, Serra Talhada/PE
Cel.: (87) 9 9660-0333
www.cecorg.org.br
cecorg@cecorg.org.br
Redes sociais: @ongcecor

Elaboração:

CECOR - Centro de Educação Comunitária Rural

Textos:

Gorete Nunes
Manoel Barbosa
Espedito Brito
Carlos Souza
João Amorim

Colaboração e Revisão de Conteúdo:

Espedito Brito
Manoel Barbosa
João Amorim

Fotos:

Acervo do CECOR

Projeto Gráfico:

Gráfica Ponto Final
Daniela Cavalcanti

Índice



- 2** - Apresentação
- 3** - Agradecimentos
- 4** - O CECOR
- 5** - Conhecendo a Comunidade Quilombola Catolé
- 6** - Entendendo o Projeto Quilombo Sustentável
- 7** - Mãos e Mentes que Constroem
- 8** - Construindo Novos Conhecimentos
- 9** - Protagonismo das Mulheres
- 11** - Implantando Unidades de Produção Agroecológica
- 13** - Melíponas e Meio Ambiente
- 14** - Produzindo e Comercializando
- 15** - Frutos Sustentáveis
- 17** - Lições e Aprendizados

Apresentação

Nessa Cartilha, relata-se e discute-se as atividades e os resultados do Projeto Quilombo Sustentável: Transformando Paisagens no Sertão do Pajeú, desencadeado pelo CECOR - Centro de Educação Comunitária Rural, na Comunidade Quilombola Catolé, Município de Serra Talhada, Pernambuco. Por meio de intervenções inéditas de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) nos vários espaços de produção e reprodução, as famílias quilombolas conseguiram ampliar a oferta de alimentos; resgatar práticas ancestrais de manejo dos solos, das águas, das plantas e dos animais; consumir mais e melhores alimentos; beneficiar e comercializar parte da produção no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e na Feira da Agricultura Familiar.

Essa Feira acontece semanalmente no Distrito de Bom Nome, Município de São José do Belmonte, Território Sertão Central e vem se transformando num espaço permanente de troca de saberes e construção de novas relações de proximidade e solidariedade, com consumidores locais. É um dos resultados do ciclo de formação em produção agroecológica de alimentos, educação ambiental e gênero realizado por muitas mãos e mentes e com a participação ativa das mulheres, dos homens, de jovens, de docentes, discentes e colaboradores das organizações parceiras.

Registra-se, ainda, que nos agroecossistemas das vinte famílias envolvidas diretamente e nas outras famílias que participaram das oficinas e das visitas com trocas de experiências, é possível reconhecer novas dinâmicas na produção e no consumo de alimentos, nos criatórios dos animais, nos Quintais Produtivos e nos Sistemas Agroflorestais (SAF), implantados pelo Projeto. Em tais espaços, as famílias dispõem das novas hortas cobertas; novas espécies cultivadas em consórcio; caixas de criação de abelhas sem ferrão nativas da caatinga, além de cisternas de uso domiciliar e de produção, implementadas pelo CECOR através do Programa Um Milhão de Cisternas (PIMC) e Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Rede ASA (Articulação do Semiárido) e utilizadas para coleta e estocagem de água de chuva.

Todas essas tecnologias sociais vinculadas aos novos conhecimentos, resultam das intervenções técnicas de extensão rural e destacam-se como importantes ferramentas de convivência agroecológica com o Semiárido no Território Sertão do Pajeú.

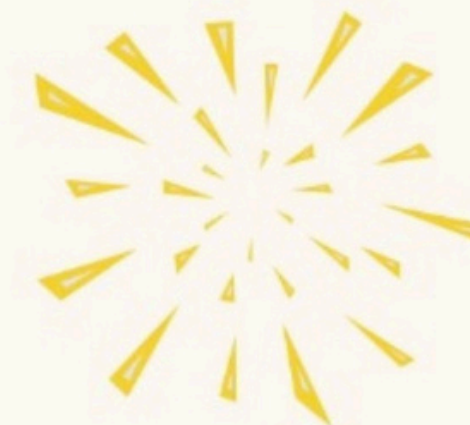


Boa
leitura!

Agradecimentos

Considera-se que uma ação dessa natureza, que envolve vários segmentos, agentes sociais e famílias quilombolas, historicamente alijadas das políticas públicas de desenvolvimento rural, só foi possível graças à união de muitas mãos e mentes, de várias pessoas e instituições, diretamente comprometidas com a agricultura familiar, a agroecologia, a economia solidária, as tecnologias sociais e a convivência agroecológica com o Semiárido.

O CECOR agradece, imensamente, a colaboração zelosa e responsável dessas organizações: Fundo Ecos, Projeto Sétima Fase Operacional do PPP-ECOS (GEF Small Grants Programme), Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), Casa da Mulher do Nordeste (CMN), Rede Pajeú de Agroecologia, Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas do Semiárido (Neppas), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST), Secretarias de Agricultura e Meio Ambiente de Serra Talhada e São José do Belmonte, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares de Serra Talhada e São José do Belmonte, Comunidade Quilombola Catolé.



O CECOR

O CECOR - Centro de Educação Comunitária Rural é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) brasileira, de Utilidade Pública Municipal (Lei nº 1246/2010), sediada na Cidade de Serra Talhada - PE. Foi fundada em março de 1993, por agricultores(as) e lideranças sindicais do Sertão de Pernambuco e é independente de partidos políticos e credos religiosos. Tem como Missão Institucional, incentivar e promover a construção e o fortalecimento de iniciativas sustentáveis voltadas para a melhoria da vida dos(as) agricultores(as) familiares. Suas ações estão direcionadas para a convivência com o Semiárido, tendo como base a Agroecologia e a Economia Solidária.

No Projeto Quilombo Sustentável: Transformando Paisagens no Sertão do Pajeú, o CECOR usou metodologias participativas para mobilizar e capacitar as famílias, nesses três eixos temáticos: Convivência com o Semiárido; Acesso a Mercados; Gênero e Juventude.

Essa experiência inédita de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) teve como pressupostos a construção de conhecimentos; a busca coletiva pelo resgate de valores e práticas ancestrais; a visibilidade dos saberes e das potencialidades locais. Todas as ações basearam-se nas dimensões social, política, econômica, cultural e ambiental que possibilitaram trocas de experiências e culminaram na valorização das práticas agroecológicas, individuais e coletivas de convivência com o Semiárido, com sustentabilidade, autonomia e protagonismo.



Conhecendo a Comunidade Quilombola Catolé

A Comunidade Quilombola Catolé está localizada no espaço rural do Município de Serra Talhada, Sertão do Pajeú, Pernambuco, a 45 km da sede do município, com as seguintes coordenadas geográficas: 8° 03' 12.0" S, 38 ° 36' 27.2" W. Esse Quilombo foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2014, é formado pelas comunidades: Catolé, Angico Grande, Cacimbas, Lagoa da Pedra e Vaz de Cima e composto de oitenta e noventa famílias, cadastradas e atendidas pela Fundação Cultural Palmares.

As famílias quilombolas trabalham com cultivos anuais de milho, feijão, mandioca, abóbora dentre outras espécies em regime de sequeiro; criam bovinos, ovinos, caprinos, galinhas e codornas; produzem frutas irrigadas em pomares e quintais produtivos, além de hortaliças e ervas medicinais e condimentares. Parte da produção é destinada para o autoconsumo e parte é comercializada na comunidade e fora dela, a clientes que costumeiramente, consomem os alimentos, produzidos sem o uso de insumos químicos.



Entendendo o Projeto Quilombo Sustentável

O Projeto Quilombo Sustentável: Transformando Paisagens no Sertão do Pajeú envolveu diretamente vinte famílias e indiretamente mais de quarenta, pois elas vivem agregadas e ocupam espaços próximos, comumente obtidos da herança dos pais e avós. Nesse ambiente fértil, as intervenções se basearam nessas três linhas:

CAPACITAÇÃO TÉCNICA: realizada num ciclo de cursos, oficinas e visitas com trocas de experiências em produção agroecológica de alimentos, consumo, beneficiamento, comercialização, gênero e educação ambiental. Tais atividades contaram com a mediação de discentes e docentes dos Cursos de Agronomia e Zootecnia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST), de agricultoras(es) da Feira Agroecológica de Serra Talhada (FAST), pesquisadores do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas do Semiárido (Neppas) e outros parceiros que costumam colaborar nos mecanismos de formação mediados pelo CECOR.

MELHORIA DOS AGROECOSSISTEMAS: de forma participativa, foram investidos esforços na ampliação das estratégias locais e sustentáveis de produção e consumo de alimentos, pelos agricultores(as), a partir da implantação de Sistemas Agroflorestais (SAF), com espécies forrageiras, adubadoras e frutíferas; e do incentivo à produção de hortaliças, em hortas protegidas com sombrite e com sistemas simplificados de irrigação.

COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS: a partir da produção agroecológica local, as famílias decidiram organizar e gerir a Feira da Agricultura Familiar de Bom Nome. Semanalmente, cerca de quinze famílias colhem, beneficiam, preparam, embalam e vendem hortaliças; frutas e derivados; milho e derivados; leite e derivados; mandioca, macaxeira e derivados, construindo, assim, relações de proximidade e confiança mútua com famílias do Distrito do Município de São José do Belmonte, que fica a poucos quilômetros da Comunidade Catolé.

De forma transversal, foram realizadas atividades de educação ambiental, com capacitações, reflorestamento de áreas degradadas, com espécies nativas da caatinga e manejo agroecológico dos agroecossistemas, por meio de orientações técnicas, intervenções e do incentivo à meliponicultura, com espécies nativas e práticas ancestrais.

Mãos e mentes que constroem



O Projeto Quilombo Sustentável foi apoiado pelo Fundo Ecos, no âmbito do Projeto Sétima Fase Operacional do PPP-ECOS (GEF Small Grants Programme), financiado pelo Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF), implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), executado pelo Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) e moldado por muitas mãos e mentes que se uniram nessa gloriosa caminhada.



Nessa caminhada que está se consolidando e pavimentando novos espaços, destaca-se a parceria com a Rede Pajeú de Agroecologia; a Casa da Mulher do Nordeste (CMN), responsável pelo monitoramento das ações, dos resultados e orientação pedagógica, por meio do Projeto de Referência Caatinga Viva; o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido (Neppas) da Universidade Federal Rural de Pernambuco na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST).



Ressalta-se, ainda, a colaboração das Secretarias de Agricultura e Meio Ambiente de Serra Talhada e São José do Belmonte na doação de mudas de frutíferas e florestais, na mobilização e instalação da Feira da Agricultura Familiar de Bom Nome e dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares e desses dois municípios que apoiaram a mobilização e a realização das atividades dentro e fora das comunidades do Quilombo Catolé.



De forma transversal, foram realizadas atividades de educação ambiental, com capacitações, reflorestamento de áreas degradadas, com espécies nativas da caatinga e manejo agroecológico dos agroecossistemas, por meio de orientações técnicas, intervenções e do incentivo à meliponicultura, com espécies nativas e práticas ancestrais.

Construindo novos conhecimentos

Reconhecendo que os processos de formação são de fundamental importância para as atividades agrícolas, realizou-se um ciclo de formação, por meio de oficinas, visitas técnicas de docentes e discentes dos cursos de Agronomia e Zootecnia da UFRPE-UAST, de modo particular o professor João Amorim e a professora Elma Ataíde. Essa parceria resultou na doação de mudas de maracujá; no acompanhamento às atividades socioprodutivas dos pomares e dos quintais produtivos no entorno das cisternas calçadão; das visitas de intercâmbios de experiências agroecológicas com outras famílias agricultoras, na poda das frutíferas, no preparo e na aplicação de caldas naturais pra fertilizar as plantas e os solos e controlar pragas e doenças.

Tais ações, realizadas de forma coordenada e participativa, promoveram a ampliação dos conhecimentos acerca da produção, do consumo e da comercialização de alimentos agroecológicos e a melhoria dos sistemas de criação de suínos, aves, ovinos e caprinos. Nessa direção, a troca contínua de saberes gerou, ainda, a experimentação de novas técnicas sustentáveis de convivência com o Semiárido no Sertão do Pajeú, além do resgate de experiências e memórias ancestrais de cuidados com o meio ambiente.

Compreende-se que a melhoria das práticas de manejo das plantas nos quintais, nos pomares e nas hortas está associada à construção de novas formas de manejo sanitário, reprodutivo e alimentar dos animais, com ações mediadas por debates acerca do empoderamento feminino, a partir da participação das mulheres quilombolas nos espaços políticos, de produção e reprodução, em condições de igualdade de gênero com os homens.



Protagonismo das mulheres



O Projeto Quilombo Sustentável teve a participação efetiva das mulheres, que estiveram presentes e colaborando em todas as atividades. Dentre as vinte famílias diretamente acompanhadas pela equipe técnica do CECOR, do Neppas, da CMN e da Rede Pajeú de Agroecologia, dezesseis são representadas pelas mulheres que se mostraram atentas a todos os temas e interessadas nas distintas atividades em seus agroecossistemas e fora deles, como na Feira da Agricultura Familiar de Bom Nome.

Especialmente, no ciclo de formação, as agricultoras de várias gerações se dispuseram a sair de suas casas em busca de novas discussões acerca dos papéis que assumem, cotidianamente, em seus agroecossistemas, suas famílias e comunidades. Entende-se que as práticas educativas, com metodologias participativas e mediadas por distintas organizações parceiras, contribuíram para o entendimento das questões diárias que envolvem os mecanismos individuais e coletivos de produção, reprodução e cuidados, presentes também nos espaços colaborativos, como a Associação Comunitária e a Feira de Bom Nome.



Nesse contexto, considera-se relevante a participação de algumas mulheres na Escola Feminista promovida pela Casa da Mulher do Nordeste (CMN), com oficinas, cursos e trocas de saberes e experiências que ampliaram a compreensão sobre agroecologia, políticas públicas específicas para as mulheres rurais, gestão financeira, saúde e autocuidado, temas diretamente vinculados à convivência com o Semiárido. Essa compreensão que se amplia, gradativamente, vem orientando-as a tomarem novas atitudes e provocando a ocupação de novos lugares, dentro e fora de suas casas e comunidades. Assinala-se, ainda, a relevância dos debates a respeito da Divisão Justa do Trabalho Doméstico, da Criação de Abelhas sem Ferrão e produção de mel para alimento das famílias e da Organização e Gestão de Empreendimentos Sustentáveis. É possível reconhecer que as oficinas e troca de saberes aprimoraram os conhecimentos e ensinaram práticas inovadoras que as agricultoras vêm colocando em prática.



Implantando Unidades de Produção Agroecológica

Nos agroecossistemas das vinte famílias, foram instaladas vinte hortas protegidas para aproveitar melhor os quintais produtivos e produzir hortaliças e ervas em canteiros, por meio de sistemas simplificados de irrigação e a partir de sementes que vêm ajudando a resgatar experiências e práticas ancestrais. As famílias costumam consumir hortaliças e ervas e novas instalações, aliadas aos saberes construídos nos eventos de formação e nas intervenções técnicas mediadas pela equipe do CECOR, docentes e discentes do Neppas promoveram o acesso das mulheres, dos homens dos jovens e das crianças a alimentos saudáveis, fartos e diversificados, substituindo alguns alimentos comprados fora da comunidade, sem o conhecimento da procedência e da qualidade.

Tais ações, além de valorizar os variados espaços de produção de alimentos disponíveis em cada agroecossistema, ampliaram e melhoraram as técnicas de cultivo, por meio de novos tratamentos culturais, do uso de sementes agroecológicas de hortaliças e olerícolas, e da preparação e aplicação de caldas naturais para o controle de pragas e doenças. Em cada quintal, as mulheres quilombolas dispõem de um espaço telado com sombrite, aplicam os novos saberes e produzem hortaliças e ervas medicinais e condimentares, de forma sustentável e protegida, com menores riscos de ocorrência de pragas e doenças.

Ainda nos quintais produtivos, foram incentivados e instalados Sistemas Agroflorestais (SAF), tecnologias sociais de convivência agroecológica com o Semiárido, com o plantio de mudas de frutíferas, forrageiras e adubadoras da caatinga que já possibilitam visualizar mudanças na diversificação de espécies.



Esses espaços, de suma importância para a agricultura familiar e a agroecologia, são ocupados por cisternas de uso domiciliar e de produção e vêm melhorando, gradativamente, por meio das iniciativas de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) e de Extensão Universitária do Neppas e da UFRPE-UAST e pelo engajamento das famílias, que cotidianamente, cuidam, zelam, trabalham e inovam suas práticas afirmativas e seus valores nos Territórios Sertão do Pajeú e Sertão Central.

Entende-se que cada Sistema Agroflorestal (SAF) instalado e melhorado pelo Projeto Quilombo Sustentável possibilita o aumento da biodiversidade local, e, conseqüentemente, das diferentes vias de promoção da segurança alimentar e nutricional das famílias e comunidades. Tais condições ainda, estão intrinsecamente aliadas ao aumento da capacidade de produção, consumo, beneficiamento e comercialização de alimentos.



Melíponas e meio ambiente

No Semiárido Pernambucano, a meliponicultura desempenha um papel fundamental na preservação e restauração da caatinga, com a conservação das distintas espécies de abelhas sem ferrão que fazem parte desse bioma e colaboram para a manutenção da fauna e da flora. As melíponas são polinizadoras eficientes e contribuem para reprodução das plantas nativas e, nessa comunidade quilombola, fazem parte das memórias das famílias que já tiveram a oportunidade de conviver com elas e usufruírem dos seus produtos, seja como remédio ou alimento.

Nesse espaço de muitas possibilidades, entende-se que a criação de abelhas nativas é uma ferramenta importante para recuperação de áreas degradadas, pois elas ajudam a polinizar plantas essenciais à restauração do ecossistema, promovendo a manutenção da biodiversidade local e aumentando a produção de alimentos para as pessoas e os animais. A meliponicultura é uma forma ancestral de conservar as espécies de abelhas sem ferrão, pois, muitas estão ameaçadas de extinção, por conta da perda de habitat e de outros danos ambientais, provocados pela ação humana na caatinga, como a derrubada de árvores nativas, o uso de agrotóxicos e de queimadas, a substituição de espécies nativas por espécies exóticas e os monocultivos.

Ao criar abelhas sem ferrão, as famílias quilombolas estão contribuindo para proteção de outros polinizadores, como borboletas e besouros, fundamentais na polinização das plantas forrageiras, frutíferas, lenhosas, de grande importância para a convivência com o Semiárido e a agroecologia. Entende-se que a criação racional de Abelha Manduri em caixas apropriadas, instaladas próximas das casas e protegidas do sol e de predadores é uma oportunidade de aumentar a renda na comunidade quilombola, pois o mel e os demais produtos apícolas poderão ser consumidos pelas próprias famílias e ainda, comercializados.

Cada uma das vinte famílias integrantes do projeto recebeu uma caixa completa, com enxame, para iniciar a criação e, ainda, participou de cursos de formação em manejo das abelhas, coleta de mel, manutenção dos enxames e confecção de caixas. Algumas famílias mantêm seus enxames saudáveis e produtivos, outras já duplicaram o número de caixas e enxames e já vislumbram a oportunidade de consumir e vender o mel para agregar na renda obtida com a venda de hortaliças, frutas, raízes, tubérculos e outros alimentos na Feira da Agricultura Familiar de Bom Nome.



Produzindo e comercializando

A produção de alimentos saudáveis é de grande relevância para as famílias, pois, a partir do consumo consciente, é possível promoverem segurança alimentar. A prioridade foi dada às iniciativas de autoconsumo, mas com um olhar direcionado para o beneficiamento, o preparo e a comercialização de alguns alimentos, para o escoamento da produção e a estabilidade financeira das famílias.

Com a Feira da Agricultura Familiar de Bom Nome funcionando semanalmente, já se visualiza o fortalecimento da produção e da comercialização dos alimentos agroecológicos, tanto pelas famílias, quanto pela clientela. Além da comercialização nesse espaço, elas costumam vender frutas, hortaliças, ovos e outros alimentos na comunidade, a quem visita e a quem encomenda pelas redes sociais e por aplicativo de mensagens.

Nesse contexto de muitas possibilidades e iniciativas individuais e coletivas, compreende-se que o ciclo de formação e acompanhamento técnico são fundamentais para o êxito do projeto, pois as famílias vêm se preparando e vislumbrando novas relações de produção, consumo, beneficiamento e comercialização, importantes mecanismos de convivência agroecológica com o Semiárido e de economia solidária.



Frutos Sustentáveis

A Feira da Agricultura Familiar de Bom Nome representa um avanço significativo na produção, no consumo e na comercialização de alimentos agroecológicos, ao proporcionar a oferta de alimentos saudáveis, fartos, sustentáveis e locais para quem produz e quem consome, que é a clientela composta de pessoas do espaço urbano do Distrito de Bom Nome, Município de São José do Belmonte, professores da URPE-UAST, o CECOR e outros parceiros e colaboradores.

Na dimensão econômica, registra-se que o beneficiamento de alguns alimentos tem agregado valores aos produtos naturais e a comercialização de frutas e hortaliças sem beneficiamento. Na Feira e nos próprios agroecossistemas, essa prática vem garantindo a complementação na renda familiar, importante aspecto para o fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica do Sertão do Pajeú.

No início das intervenções técnicas, as famílias produziam algumas hortaliças e frutas, leite e ovos e galinhas de capoeira, mas poucas comercializavam fora da comunidade, com exceção das goiabas produzidas com sistema de irrigação que eram vendidas a atravessadores, numa relação desigual e desvantajosa para os agricultores. Porém, ao participarem do ciclo de formação; aprenderam e experimentaram novas orientações de manejo agroecológico dos pomares, das hortas e dos criatórios de animais e se motivaram a construir esse espaço coletivo de comercialização.





Nessa direção, elas também iniciaram a venda de alimentos para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que vem incentivando produção e a venda de alimentos agroecológicos e o acesso a outras políticas públicas, a exemplo do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC) e do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) com Fomento, que garantiram a coleta e estocagem de água de chuva nos agroecossistemas e a irrigação dos quintais produtivos e das hortas cobertas.

Nos distintos agroecossistemas foram aplicadas ferramentas de monitoramento da produção e comercialização dos produtos, a partir do Aplicativo Kobotoolbox e das Cadernetas Agroecológicas. Tais ferramentas vêm facilitando a gestão e organização da produção pelo CECOR e pelas famílias quilombolas do Projeto e, ainda, poderão fornecer dados importantes para as ações de ensino, pesquisa e extensão do Neppas e da UFRPE-UAST.

As parcerias foram fundamentais para o êxito das ações na comunidade, pois fortaleceram a organização associativa e o engajamento das famílias em todas as etapas do Projeto. Como o principal propósito foi ampliar os saberes e ressignificar as práticas agroecológicas, julga-se importante ressaltar os novos olhares e cuidados com o meio ambiente, já visíveis com a produção e o consumo de alimentos sem veneno; a intensificação de uso de esterco e de caldas naturais para fertilizar os solos e as plantas; o interesse coletivo de implantar um banco comunitário de sementes crioulas; a aplicação dos princípios e conhecimentos ancestrais da fitoterapia animal, discutida com discentes e docentes do Neppas.

Esses são alguns resultados dos debates que elegeram as práticas agroecológicas como norteadoras da segurança alimentar, que implica em reflorestar as áreas propensas à degradação, valorizar os insumos locais, ressignificar os conhecimentos tradicionais com os saberes científicos e ampliar a oferta de alimentos e insumos.

Lições e aprendizados

Em linhas gerais, o Projeto Quilombo Sustentável: Transformando Paisagens no Sertão do Pajeú proporcionou aprendizados importantes como o trabalho em parceria com redes, instituições de pesquisa, ensino e extensão e gestão pública municipal, mostrando que esse conjunto de práticas fortaleceu e ampliou os resultados almejados inicialmente.

Outro aspecto importante foi a utilização de estratégias sustentáveis para ampliar a produção agroecológica na perspectiva da segurança e soberania alimentar e na comercialização de alimentos que as famílias produzem e consomem. Nesse sentido, a organização da Feira da Agricultura Familiar de Bom Nome é uma conquista importante para propiciar o escoamento da produção, ensinado que é necessário pensar a produção, o consumo e a comercialização de alimentos, além da comunidade e de forma integrada com outros mercados.

Esse Projeto envolveu mulheres, homens e jovens e favoreceu a interação e a compreensão das diversas temáticas debatidas nos eventos de formação e contribuiu para o alcance de melhores resultados, que extrapolam a dimensão financeira e compreende as dimensões sociais, ambientais, históricas e culturais. Defende-se que as famílias quilombolas poderão alavancar outros projetos na comunidade que possibilitem melhoria na qualidade de vida, de forma ampla e sustentável, forjada nos cuidados com o meio ambiente, com as pessoas e os animais, no bem-estar, no autocuidado e na construção da autoestima das mulheres, com a participação efetiva delas nas políticas públicas.

Nessa perspectiva, a Assistência Técnica e Extensão Rural tem se revelado importante e potente ferramenta para que as ações sejam realizadas, com acompanhamento das atividades socioprodutivas. As intervenções dialogadas viabilizaram a realização dos sonhos, o alcance das metas e atendimento de demandas das famílias agricultoras, que foram além das previstas no Projeto. No decorrer das ações, as questões que emergiram passaram a compor os processos e as trocas de saberes e foram resolvidas com estratégias viáveis e participativas que geraram resultados satisfatórios.

Por último e não menos importante, as trocas de experiências em convivência agroecológica com o Semiárido e as relações de parceria inspiraram a construção coletiva e as práticas de conservação e manejo sustentável dos solos, das águas, das sementes e dos sistemas produtivos. Nesse campo, a agroecologia tem sido a principal motivação para o envolvimento voluntário e consensual das pessoas e o sucesso desse Projeto.

Realização:



global
environment
facility
INVESTING IN OUR PLANET

SGP The GEF
Small Grants
Programme

